

O Preconceito nas Mídias Sociais: Análise do Caso de Racismo Sofrido pela Atriz Taís Araújo no *Facebook*¹

Tuane Pacheco da SILVA²

Aline Borges de LUCENA³

Ariane de Lourenço NAKABASHI⁴

Flávia Martins dos SANTOS⁵

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O presente artigo visa analisar o caso de preconceito racial sofrido pela atriz Taís Araújo no *Facebook*, através de uma análise dos comentários racistas feitos por usuários da rede social em foto publicada pela atriz. A metodologia utilizada classificou-se como qualitativa. Foi realizado o método de observação com uma amostra aleatória por julgamento formada por sete comentários de pessoas diferentes seguido da Análise do Discurso de acordo com Foucault (1996). Com a realização desse trabalho foi possível notar que o preconceito racial ainda é visto nos dias atuais, principalmente nas mídias sociais, e que os indivíduos que realizam esses atos racistas utilizam uma linguagem que mascara o preconceito propriamente dito.

PALAVRAS-CHAVE: preconceito; raça; mídias sociais.

Introdução

Sabe-se que a existência de casos de preconceito racial vem de longa data. No Brasil, especificamente, existem fatos históricos que comprovam o pensamento social da superioridade do branco em relação às outras raças. Desde a chegada dos portugueses no País, o modo como se relacionavam com os índios mostrou a vontade que eles tinham de transformar esses índios em europeus, por não aceitarem sua cultura. Pode ser citado também o caso de escravidão dos africanos trazidos ao Brasil. Mesmo essa nação sendo reconhecida por sua miscigenação, sabe-se que as outras raças que não a branca, nunca

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Estudante do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás – UFG, e-mail: tuane@dasilva@hotmail.com.

³ Estudante do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás – UFG, e-mail: a.borgesdelucena@hotmail.com.

⁴ Estudante do Curso de Comunicação Social – Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás – UFG, e-mail: nani.nakabashi@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Psicologia pela PUC-GO. Mestre em Comunicação, Mídia e Cultura. Professora efetiva do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Goiás – UFG, e-mail: flaviamartins21@gmail.com

foram muito bem aceitas, e atualmente ainda não são, tornando-se vítimas de diversos tipos de agressão.

A situação do preconceito racial se dá pelo sentimento de superioridade do branco, pelo fato de ele crer ser parte de uma raça mais civilizada, intelectual e evoluída. De acordo com Fanon (2008, p. 47) “[...] do mesmo modo que um judeu que gasta dinheiro sem contá-lo é suspeito, o negro que cita Montesquieu deve ser vigiado”, ou seja, existe esse pensamento social de que o negro não pode ser estudioso, intelectual. Esse pensamento está presente no dia-a-dia e em todos os lugares, inclusive na mídia.

A mídia pode ser entendida como a variedade de veículos utilizados para a disseminação de informações. Através dessa classificação percebe-se que a televisão, não é o único tipo de mídia disponível para a busca do conhecimento, mas também se encaixa aqui a internet.

O uso generalizado da palavra mídia é recente nas pesquisas em Comunicação no Brasil. A partir da década de 90 é que começou a ser amplamente empregada. Em muitas das publicações especializadas, porém, mídia é utilizada no mesmo sentido de imprensa, grande imprensa, jornalismo, meio de comunicação, veículo [...] (GUAZINA, 2007, p. 49)

Segundo pesquisa divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no ano de 2013, 43,1% dos domicílios possuía acesso à internet, número equivalente a 28 milhões de residências no país. A pesquisa também mostra que desde 2008 até 2013 houve um aumento significativo nesse número, passando de 23,8% em 2008, para 40,3% em 2012 até atingir 43,1% no ano de 2013.

Assim, podemos verificar que a Internet vem se tornando cada vez mais presente na vida dos brasileiros, com ela vieram as mídias sociais que podem ser citadas como uma importante ferramenta de comunicação da atualidade. Para Ramalho (2010, p. 11) “o que entendemos hoje como mídias sociais nada mais é do que a forma moderna de se praticar uma das principais necessidades do ser humano: a socialização.”

As redes formadas a partir da Internet levaram os relacionamentos humanos para o nível virtual, de modo a transformar o modo como a comunicação pode ser efetuada. Segundo Castells:

Uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes,

características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação (CASTELLS, 2003, p. 7).

Assim, a sociedade, atualmente, encontra-se em uma era de uso extremo da internet. Essa plataforma traz como uma de suas vantagens, uma liberdade de expressão mais ampliada. Essa característica da internet é vantajosa porque temos tido mais debates sobre assuntos relevantes.

Sendo o preconceito uma intolerância com certo grupo que não partilha das mesmas crenças que o agressor, muitas vezes o preconceituoso não só rejeita o outro, mas deixa claro que não concorda com seus valores ao agredir o outro através de palavras, gestos e até mesmo ações.

O preconceito, segundo Allport (1954), envolve um pensar negativo sobre o outro sem conhecimento sobre ele ou uma generalização categórica sobre determinados grupos. Isto é, a ação imediata e sem reflexão marca uma atitude ou comportamento preconceituoso (PELINSON; OLIVEIRA, 2014, p. 03).

Ao analisar o preconceito de raça, pode-se dizer que o fato de a internet permitir a comunicação entre pessoas de pontos diferentes geograficamente falando é um benefício para o agressor, já que ele se esconde atrás de um escudo protetor que é a tela.

Assim, o objetivo desse trabalho é realizar uma discussão sobre como se dá o preconceito racial no Brasil especificamente através das mídias sociais. Para que esse tema possa ser trabalhado, escolheu-se fazer uma análise dos comentários racistas que a atriz Taís Araújo sofreu em uma publicação na página do *Facebook* com o intuito de discutir o modo como o preconceito racial do Brasil tem sido disseminado nas mídias sociais, nesse caso, no *Facebook*.

1. Metodologia

O artigo foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa através do método descritivo, e as técnicas usadas foram a realização de pesquisa bibliográfica e análise do discurso de acordo com Foucault (1996), em que se pretendeu perceber o significado dos comentários dos indivíduos através da análise de seu modo de dizer, o que está nas entrelinhas da forma como expuseram sua opinião.

O método de coleta de dados usado nesta pesquisa consistiu na observação dos comentários racistas feitos na página da atriz Taís Araújo no *Facebook*. Foram selecionados sete

comentários feitos por diferentes perfis na rede social no mês de outubro de 2015 em foto publicada pela artista.

2. Resultados e Discussão

2. 1. O preconceito de raça

Sabe-se que o termo preconceito diz respeito a um julgamento que é feito sem se ter conhecimento prévio sobre determinado assunto. O ser humano tem dificuldade em lidar com o que é diferente. Na maioria das vezes, ao se deparar com alguém que não pensa ou age da mesma forma que elas, as pessoas praticam a exclusão ou, pior, o enfrentamento em relação a esse indivíduo devido à divergência de modo de ser.

O preconceito é, portanto, um olhar pejorativo sobre determinado grupo baseado em suas características sociais ou físicas, e por não concordar com o modo de ser e viver do outro, o preconceituoso acaba agindo de forma agressiva e ríspida.

Na sociedade brasileira ainda encontramos dificuldades para aceitar a diversidade. Aqui o reconhecimento das diferenças é utilizado como mecanismo de inferiorização e daí, a permanência de valores excludentes. Logo, não é possível ignorar que no cotidiano as comunidades se vêem a si próprias e as demais a partir das diferenças, que, por sua vez, perpassam desde aspectos estéticos a valores culturais, sociais e raciais a partir das representações. (SANTOS, 2014, p. 06).

Essa maneira preconceituosa de pensar tem estado presente desde os primórdios da sociedade. No cenário brasileiro um tipo de preconceito que pode ser destacado, é o racial, o que é muito visível principalmente devido ao fato de ser um país em que se tem a miscigenação, mistura de raças, que é uma diversidade, como já foi apontado.

O termo raça diz respeito às características físicas da pessoa como cor de pele, tipo de corpo e de cabelo. A expressão preconceito de raça é, portanto, muito abrangente considerando que ela se refere à discriminação contra negros, asiáticos, índios, mulatos, e até contra brancos, mas ao se analisar o contexto histórico dessas práticas sociais, percebe-se que o grupo que possivelmente mais sofre é o de negros, pois a sociedade ainda carrega consigo uma ideologia do passado, da época do regime de escravidão, em que os negros existiam apenas para servirem aos brancos, o que acaba se materializando nos dias atuais, em práticas racistas, onde se gera esse pensamento, que mesmo ao longo dos anos, com as mudanças sociais que ocorreram, perdurou.

A raça tem sido determinante em questões vitais de sobrevivência, essa diferença de tratamento que o negro sofre em relação ao branco tem prejudicado esse grupo na hora de conseguir emprego, de ser bem atendido em hospitais, de ter acesso à educação, dentre outras situações. Isso se refere à questão dos privilégios.

Para Nascimento (1978, p. 85)

Se os negros vivem nas favelas porque não possuem meios para alugar ou comprar residência nas áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa da carência de preparo técnico e de instrução adequada, a falta desta aptidão se deve à ausência de recurso financeiro. Nesta teia o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação – no emprego, na escola – e trancadas as oportunidades que permitiriam a ele melhorar suas condições de vida, sua moradia inclusive. Alegações de que esta estratificação é “não racial” ou “puramente social e econômica” são slogans que se repetem e racionalizações basicamente racistas: pois a raça determina a posição social e econômica na sociedade brasileira.

A verdade é que a sociedade tende a achar que o negro é inferior quando ela mesma não dá oportunidade à ele de melhorar suas condições de vida. As pessoas criticam os desprivilegiados, mas fecham as portas na hora de ajudá-los.

O negro sofre por sua condição racial, condição essa que é visível não só pela cor da pele, mas também pelo cabelo que tende a ser diferente das outras raças, pelo nariz mais largo, pela boca mais inchada, ou seja, sofre muitas vezes devido às suas características físicas visíveis. Muitos negros praticam a negação de sua origem, no caso das mulheres negras, muitas alisam o cabelo, por exemplo, porque ter o cabelo liso é um dos requisitos a serem cumpridos quando se quer alcançar a tão divulgada pela mídia, beleza ideal, que prega um tipo muito específico de beleza, que chega a ser quase inalcançável. A beleza negra não tem tanta representatividade na mídia como deveria, não existe uma ampla divulgação do estilo de roupas e de cabelo que mulheres negras são adeptas.

Muitos indivíduos preferem não se assumir como negros já que sabem que na sociedade em que vivem ser negro é sinônimo de não ser bem aceito. Nas propagandas e novelas, o que a mídia propaga como beleza ideal não é a cor negra. Em sua maioria, os galãs da TV são brancos, e é por isso também que o negro se nega, há uma falta de representatividade.

Assim, o padrão de beleza socialmente aceitável e imposto pela mídia à sociedade leva as pessoas a ignorarem a dor e até escravizarem o seu próprio corpo em prol de alcançar a estética de beleza ideal e, veem com

naturalidade, esse julgamento midiático do que é ser belo. Hoje, essa premissa estética da mídia, é um referencial aos indivíduos a se edificarem como homens e mulheres e também como consumidores que assim os são (GIL; REIS; 2015, p. 02)

Anterior à questão midiática, segundo DaMatta (1987) o preconceito racial existe hoje por causa de tradições de pensamentos que surgiram em um diferente contexto histórico e cultural.

O autor aponta em seu estudo que, o problema do racismo no Brasil é tido por uma questão de classe social, de acordo com DaMatta (1987) “Um negro com dinheiro é considerado branco”. Mas no caso específico apresentado da atriz Taís Araújo, podemos notar que a prática do preconceito ocorre apesar de sua condição social financeira, o que nos levar a ver que o preconceito existe independentemente da condição econômica do indivíduo.

Vemos que DaMatta (1987) discorre também sobre a hierarquia naturalizada, conceito esse que acabou justificando e fazendo com que as pessoas achassem ser normal na época, a existência do regime de escravidão. A superioridade do branco se dá ainda hoje devido a essa separação arcaica hierárquica, que é tida como natural, entre raças, em que o branco acaba sendo superior. Cada indivíduo tinha sua posição incontestável no sistema, os senhores e os escravos poderiam ter relacionamentos até afetivos, apesar da violência, que isso não importava a ninguém, pois todos tinham seus respectivos afazeres e funções, não havia o receio de transição de cargo, ou de transferência de poder. A raça e a cor da pele eram elementos de classificação. Em relação aos tempos atuais, DaMatta crê que o dinheiro, o poder político e as influências sociais intervêm na posição social do negro, que pode acabar tendo mais poder que o branco dependendo de suas condições financeiras ou poder de influência. Isso pode causar o racismo velado.

Se o negro e o branco podiam interagir livremente no Brasil, na casa-grande e na senzala, não era porque o nosso modo de colonizar foi essencialmente mais aberto ou humanitário, mas simplesmente porque aqui o branco e negro tinham um lugar certo e sem ambigüidades dentro de uma totalidade hierarquizada muito bem estabelecida (DAMATTA, 1987, p. 79)

Por dar a ideia da possibilidade de ascensão ao negro que, se conseguir obter um alto poder aquisitivo, ou uma posição social de destaque, pode vir a ser melhor e mais evoluído que o branco, DaMatta acabou propagando a ideia de que o racismo pode ser superado através de uma luta maior por parte do negro, e isso é questionável. Como já foi

afirmado, apesar de sua posição social ser significativa, a atriz Taís Araújo ainda assim foi vítima de preconceito racial.

O que se sabe é que mesmo acreditando ou não nessa relação entre questão racial e classe social, as pessoas com opiniões formadas sobre o racismo e toda a sua evolução histórica até os dias atuais, tendem a cometerem cada vez mais práticas racistas em redes sociais a disposição, usando o que chamamos de “liberdade de expressão” a seu favor, e tudo por uma questão de superioridade de raça.

2.2. As Mídias Sociais e o Crime Virtual

A sociedade encontra-se em um mundo de evolução tecnológica e interações. Essa evolução trouxe mudanças muito claras para o cotidiano da sociedade. Há algum tempo atrás, as mídias eram apenas fontes de acesso à informação, como era o caso da mídia mais utilizada antes do surgimento da internet, a televisão.

Nesse meio de comunicação já era perceptivo o pensamento dos preconceitos sendo divulgado implicitamente, e às vezes, até mesmo, explicitamente para os consumidores dessa mídia. A Indústria Cultural, situação em que a cultura de massa, através do rádio, da TV e de outras plataformas, era transmitida na função de alienar seu público, acabava impondo pensamentos na sociedade, sem que a população tivesse a pró-atividade de contestá-los. Adorno e Horkheimer (1985) afirmam que a mídia proveniente da Indústria Cultural buscava uma padronização de disseminação de conteúdo, o que acabou por gerar uma passividade por parte dos indivíduos que tinham contato com os discursos midiáticos vigentes na época.

Ninguém desconhece a galeria de papéis subalternos, de empregados domésticos, subservientes ou então estereotipados que foram sempre reservados a atores e atrizes negros, por exemplo, ou então são as famosas mulatas que sempre serviram de tempero sexual para as histórias brasileiras. As novelas, as ficções, o teatro na TV, os programas em geral, eram passados com uma clara estereotipização de raça implícita em seus diálogos.

Por isso, ao criar situações em que existiam poucos formadores de opinião negros na TV, e até mesmo, poucos artistas negros nas telenovelas, essa indústria acabou por fixar cada vez mais uma ideologia de discriminação, devido à falta de representatividade. O número de trabalhadores negros contratados para trabalhar na mídia televisiva é muito baixo.

Para Araújo (2000, p. 308)

Em poucos trabalhos identificamos atores negros nos papéis principais, de protagonistas ou antagonistas. As rédeas da ação são tomadas geralmente por personagens interpretados por atores brancos, que atuam como o leão, o condutor, ou compõem o grupo de personagens principais. Se o personagem criado pelo autor não receber, na sinopse, referências sobre o seu pertencimento racial, o ator branco tende a ser escolhido. Se na construção do personagem for destacado um tratamento estereotipado, aumenta a possibilidade de contratação para o ator negro. De um modo geral, ao ator afro-brasileiro estão reservados os personagens sem, ou quase sem, ação, os personagens passageiros, decorativos que buscam compor o espaço da domesticidade, ou da realidade das ruas, em especial das favelas.

Mesmo com o surgimento de novas mídias, o preconceito continuou sendo praticado nos veículos midiáticos. Hoje em dia, com o surgimento da internet, as mídias passaram a ser cooperativas, os usuários, através das redes sociais podem contribuir com a produção de conhecimentos existentes nessa plataforma. O usuário tornou-se produtor, o que acabou contribuindo para a consolidação de discursos preconceituosos nas redes sociais.

Para Lemos (2006, p. 54)

A nova dinâmica técnico-social da cibercultura instaura assim, não uma novidade mas uma radicalidade: uma estrutura midiática ímpar na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, para qualquer lugar do planeta e alterar, adicionar e colaborar com pedaços de informação criados por outros.

Através das redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, e outras, o conteúdo compartilhado na internet é feito de todos para todos, não existe uma hierarquia, um indivíduo não precisa saber mais que o outro para ter seu conteúdo divulgado e lido. Essa acaba sendo uma grande desvantagem da internet, que juntamente com a liberdade de expressão acabou entregando ao ser humano o poder de falar abertamente. Nesse contexto, o negro acaba sendo um alvo de preconceitos a ser intimidado.

Facebook, Orkut, etc., todas as redes sociais têm o objetivo de unir pessoas e, também, de compartilhar diversas informações. O contato tecnológico rápido proporcionado, ainda que não seja real, gerou choque de culturas: pessoas de mesmos interesses trocavam informações em comunidade, mas pessoas de interesses divergentes acabavam por criar brigas e discussões (FIUZA; GONÇALVES; ALCANTARA, 2012, p. 02).

A tecnologia tem sido utilizada como uma válvula de escape para os agressores racistas. Através do uso do computador, eles ficam parcialmente protegidos devido à

separação física. Existe um conceito para esse tipo de ação, o de *cyberbullying* que é o que ocorre quando o espaço virtual é utilizado para intimidar, insultar, atacar alguém.

O *cyberbullying* é uma forma de violência intimamente ligada ao campo da comunicação, manifestando-se principalmente por meio das redes sociais, através de agressões verbais e propagação de fotos/vídeos com intuito de expor/agredir outra pessoa. É necessário que o campo da comunicação reflita sobre o seu papel diante desse desafio, longe de determinismos, tal qual a censura, mas que se pense sobre a regulação e responsabilização dos praticantes dessa forma de violência (WANZINACK; REIS, 2015, p. 10-11).

Mesmo a injúria racial pela internet sendo crime, é às vezes difícil rastrear esses agressores, pois no mesmo minuto em que eles podem postar algo degradante sobre uma pessoa negra, e mesmo que essa pessoa denuncie, no mesmo minuto eles podem apagar seus perfis. Além disso, existe muita gente que cria perfil *fake*, isso é, sem utilizar seus dados verdadeiros, para agir como quiser na internet sem ser pego.

“A política de segurança com relação a isto é muito falha. Perfis podem ser denunciados, mas o internauta pode reabrir sua conta ou criar outra sem problema algum e assim continuar a espalhar seus comentários inapropriados.” (FIUZA; GONÇALVES; ALCANTARA, 2012, p. 03).

A internet permite de fato uma liberdade de expressão, mas que às vezes ultrapassa um limite. Utilizar as mídias para agredir o outro mesmo que não fisicamente tem ocorrido com certa frequência, o que pode ser observado pelo número de casos, apesar de existirem medidas e formas de denúncia.

Com relação aos ataques racistas nas mídias sociais, podemos citar o caso da cantora Ludmilla que no ano passado (2015) foi vítima de um comentário racista, “*Nojo. Negra macaca feia*”, em uma de suas fotos postadas no *Instagram*. Outro acontecimento que pode ser citado é o caso da *youtuber* Jout Jout e de seu namorado Caio. Nos vídeos postados pela *youtuber* em seu canal, Caio não aparece em frente à câmera, apenas faz comentários falados durante alguns vídeos.

No início desse ano (2016), após a postagem de algumas fotos e vídeos em que partes do corpo de Caio são mostradas, alguns internautas levantaram a discussão de que Jout Jout namorava um homem negro. Assim, algumas pessoas passaram a defender Caio de ser negro como se pertencer à raça negra fosse algo negativo.

Outro exemplo que pode ser trazido, não ocorreu diretamente na mídia, mas ganhou repercussão a partir dela, foi o caso do jogador de futebol Daniel Alves que em 2014 reagiu

de maneira inusitada quando um torcedor jogou uma banana no campo, Daniel descascou a fruta e a comeu. Depois desse acontecimento, famosos postaram em suas redes sociais fotos com uma banana, usando a *hashtag* “somos todos macacos”, em apoio ao jogador.

3. O Caso Taís Araújo

Em outubro de 2015, ao publicar uma foto com seu rosto, em sua página do *Facebook*, a atriz Taís Araújo foi alvo de diversos comentários racistas, por ser negra. Segue a imagem utilizada para a pesquisa.

Figura 1- Taís Araújo recebe comentários racistas em página no Facebook. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1750488-policia-tenta-prender-autores-de-mensagens-racistas-contra-tais-araujo.shtml>.



Para a análise desse trabalho, foram selecionados sete comentários. Sendo esses: “*Entrou na globo pelas cotas*”; “*pensava q o facebook era pra humanos não pra macaco*”; “*Esse cabelo de esfregão*”; “*Já voltou da senzala?*”; “*cabelo de parafuso enferrujado*”; “*Limda com M de banana*”; “*Pode ser mais clara?*”.

A análise dos comentários coletados foi feita a partir das ideias de Michel Foucault (1996), criador da obra “A Ordem do Discurso” e da teoria nomeada “Análise do Discurso”. Esse tipo de análise consiste em compreender o discurso obtido a partir da análise das entrelinhas de uma determinada fala. Ou seja, a análise do discurso busca o não-dito, o que está subentendido em uma fala.

O comentário 1 - “*Entrou na globo por cotas*”, pode ser analisado através da Análise do Discurso, já que o autor da frase não afirma isso explicitamente, no entanto, ainda assim podemos inferir que o indivíduo é contra o sistema de cotas, já que ele critica a ideia de que a atriz possa ter entrado por cotas na emissora de televisão para qual trabalha.

Podemos observar que as cotas raciais vêm de uma questão histórica, já que os negros descendentes de escravos no Brasil não tiveram oportunidades de estudos ou empregos da mesma maneira que os brancos brasileiros tinham. Assim, a partir da criação das cotas raciais houve uma discussão sobre o assunto com várias pessoas se posicionando contra o sistema ao argumentar que essa seria uma forma de privilégio ou até de discriminação com os brancos, sem pensar em todo processo histórico que os negros sofreram, na falta de oportunidade e na própria discriminação.

Desse modo, podemos dizer que o comentário feito sugere que o trabalho da atriz não é qualificado para estar em uma emissora de televisão, sendo necessário a utilização das cotas para que ela consiga trabalhar nesse local.

Ao analisar o comentário 2 - “*pensava q o facebook era pra humanos não pra macaco.*”, podemos observar que o que é expresso aqui é o fato de o indivíduo acreditar que a artista parece um animal, mais especificamente, um macaco.

Nesse ponto, pode ser citado o termo “eugenia”, teoria difundida no ano de 1883 por Francis Galton, que diz que questões genéticas são fatores de diferenciação entre os seres humanos. Ou seja, historicamente a eugenia foi usada para justificar questões como superioridade de determinadas raças. No comentário analisado, além de haver uma comparação de uma pessoa negra com o animal macaco por motivos de semelhança física, há uma exclusão da atriz por ela pertencer à raça negra, afirmando o agressor que ela não deveria estar nessa mídia social, o *Facebook*.

Já com relação ao comentário 3 - “*Esse cabelo de esfregão*”, a análise obtida foi que o agressor acredita que o cabelo da atriz parece um esfregão, ferramenta que tem como parte de sua composição fios grossos geralmente de fibra, e é utilizada para eliminar impurezas e deixar o ambiente mais limpo.

Assim, podemos identificar um comentário que relaciona o cabelo da atriz com um objeto usado em limpezas, o que remete ao tempo da escravidão em que muitas mulheres negras eram empregadas domésticas encarregadas da limpeza e dos cuidados dos filhos dos senhores brancos. A comparação do comentário remete também aos padrões de beleza

vistos na sociedade atual, em que o que é considerado belo, com relação aos cabelos, não é o cabelo ondulado, crespo ou cacheado, mas sim o liso.

O comentário 4 - “*Já voltou da senzala?*”, mostra que o indivíduo remete à época da senzala em que os negros eram escravizados, e utilizados pelo branco como serviçais para realizar diversos tipos de trabalho. A atriz é comparada, portanto, nesse caso, com um escravo. Longe de se ater a uma forma homogênea de relação de trabalho, a escravidão foi marcada pelas mais diferentes caracterizações ao longo do período colonial. No caso da colonização lusitana, a utilização de escravos sempre foi vista como a mais viável alternativa para que os dispendiosos empreendimentos de exploração tivessem a devida funcionalidade. A rotina de trabalho desses escravos era árdua e poderia alcançar um turno de dezoito horas diárias. As condições de vida eram precárias, sua alimentação extremamente limitada e não contava com nenhum tipo de assistência ou garantia. Além disso, aqueles que se rebelavam contra a rotina imposta eram mortos ou torturados. Mediante tantas adversidades, a vida média de um escravo de campo raramente alcançava um período superior a vinte anos.

Com relação ao comentário 5 - “*cabelo de parafuso enferrujado*” foi observado que o sujeito faz referência ao instrumento parafuso como uma comparação com o formato do cabelo cacheado da atriz, já com relação ao uso do adjetivo enferrujado, nota-se uma comparação com a cor do cabelo da atriz com a cor de um material metálico enferrujado.

Assim, o autor do comentário utiliza essas palavras com o intuito de dar um sentido negativo ao modo como a atriz usa seu cabelo, por ser um modo que não segue os padrões de beleza atuais já citados anteriormente.

Em seguida, foi analisado o comentário 6 - “*Limda com M de banana*”, assim, foi constatado que nesse comentário, a intenção do indivíduo foi comparar a atriz com um macaco, ao citar a letra “M” e a fruta banana, que é geralmente o alimento associado a esses animais. Novamente podemos observar que o indivíduo do comentário busca uma comparação física da atriz, por ser negra, com um macaco.

Por último a análise do comentário 7 - “*Pode ser mais clara?*”, mostrou que a pessoa tem preconceito com a cor de pele da atriz que, por ser negra acaba sendo discriminada, e é por isso que o indivíduo pede que ela seja mais clara, no sentido de que deseja que ela seja mais branca.

Esse fato remete ao embranquecimento, que seria a busca pelo clareamento da pele negra para torná-la o mais branca possível. O embranquecimento mesmo sendo um termo

visto no Brasil desde a época antiga prevalece até os dias atuais, em que vemos uma procura estática por clareamentos de pele, ou até mesmo a não aceitação da raça negra.

Outro fato que merece ser destacado é o número elevado de “curtidas” que esses comentários apresentam. Cada “curtida” representa um indivíduo que concorda com o que foi dito em determinado comentário e como podemos ver na imagem acima, alguns comentários chegam a ter mais de cem “curtidas”. Ou seja, são diversas pessoas que estão apoiando atitudes racistas, mesmo que, aparentemente, de maneira indireta.

Os indivíduos que curtem os comentários preconceituosos podem não estar expondo verbalmente sua opinião, mas fica claro que concordam com os agressores que explicitam preconceito em suas falas. A curtida é uma maneira de se esconder atrás do comentário do outro, mas que não deixa de ser uma atitude agressiva, já que mostra a existência de mais pessoas com pensamentos, nesse caso, racistas. Analisar o número de curtidas de um comentário é perceber que muitas pessoas pensam o mesmo, ou seja, que o racismo ainda é um pensamento da massa, pensamento esse que faz parte da crença de toda uma comunidade.

4. Conclusões

Neste trabalho levantou-se, a partir de pesquisas realizadas, uma discussão sobre uma mídia que reproduz preconceitos e permite reforços e disseminações de informações e opiniões rápidas, de maneira que se chega a diversos lugares ao redor do mundo, que traz para os dias atuais, um pensamento retrógrado de um regime baseado na exploração de uma raça por outra, no desprezo de uma parte da humanidade por uma civilização tida por superior. Em vista disso, escolhemos um caso típico de racismo em redes sociais e o expomos, concluindo que o racismo midiático se evidencia pela constante afirmação de estereótipos em um meio social, a partir do contexto hegemônico, que colaboram para reforçar preconceitos.

No caso exemplificado da atriz Taís Araújo, evidenciamos através da análise do discurso que os agressores discriminaram a atriz pela sua cor, cabelo, entre outros aspectos físicos, tendo como base de referência um racismo cultural e histórico, que transcende qualquer sentimento de respeito e humanização do indivíduo.

5. Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: O negro na Telenovela Brasileira**. Rio de Janeiro: Senac, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges; rev. Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOLHA DE S. PAULO. **MC Ludmilla é vítima de racismo na internet e reclama: ‘A polícia devia ficar de olho’**. Disponível em: <http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2015/06/1646612-mc-ludmilla-e-vitima-de-racismo-na-internet-e-reclama-a-policia-deveria-ficar-de-olho.shtml>. Acesso em: 04 de abril de 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 23ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GUAZINA, Liziane. **O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares**. Porto Alegre: Revista Debates, 2007.

IG. **Vítima de racismo, Daniel Alves come banana atirada contra ele na Espanha**. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-04-27/daniel-alves-come-banana-atirada-contra-ele-em-jogo-do-barcelona-em-villarreal.html>. Acesso em: 04 de abril de 2016.

INFOESCOLA. Eugenia. Disponível em: <http://www.infoescola.com/genetica/eugenia/>. Acesso em: 02 de abril de 2016.

LEMONS, André. Ciber-cultura-remix. In: ARAÚJO, Denize Correa (org.). **Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX**. São Paulo: Novos estudos Cebrap, 2006.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PORTAL BRASIL. IBGE: **Metade dos brasileiros teve acesso a internet em 2013**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2014/09/ibge-metade-dos-brasileiros-teve-acesso-a-internet-em-2013>. Acesso em: 27 de jan. 2016.

RAMALHO, José Antônio. **Mídias sociais na prática**. São Paulo: Elsevier, 2010.

XIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE – INTERCOM, 2014, Vila Velha. **Música: entre a Indústria cultural e a Cultura da Mídia**. Vila Velha: Intercom, 22 a 24/5/2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br>. Acesso em: 01 de abril de 2016.

XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE - INTERCOM, 16, 2014, João Pessoa. **Neutralidade subjetiva e o ocultamento das falas das mulheres negras na mídia impressa brasileira**. João Pessoa: Intercom, 15 a 17/5/2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br>. Acesso em: 16 de dezembro de 2015.

XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 35, 2012, Fortaleza. **Mudança no uso das mídias sociais: sociabilidade para o bem ou para o mal**. Fortaleza: Intercom, 3 a 7/9/2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br>. Acesso em: 04 de dezembro de 2015.

XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 39, 2014, Foz do Iguaçu. **A Polidez como Estratégia na Comunicação do Preconceito Escolar**. Foz do Iguaçu: Intercom, 2 a 5/9/2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br>. Acesso em: 16 de dezembro de 2015.

XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 40, 2015, Rio de Janeiro. **Cyberbullying e violência na rede: relações entre poder e desenvolvimento no litoral do Paraná**. Rio de Janeiro: Intercom, 4 a 7/9/2015. Disponível em: <http://www.intercom.org.br>. Acesso em: 16 de dezembro 2015.

XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 40, 2015, Rio de Janeiro. **A falta de apreço da Mass Media com a beleza luxuosa no Plus Siz**. Rio de Janeiro: Intercom, 4 a 7/9/2015. Disponível em: <http://www.intercom.org.br>. Acesso em: 01 de abril de 2016.

YOUTUBE BRASIL. **Canal JoutJout Prazer**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YU20Zn5nIGQ>. Acesso em 04 de abril de 2016.

FOLHA DE S. PAULO. **‘Cinco suspeitos são detidos por ofensas racistas contra Taís Araújo’**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/03/1750488-policia-tenta-prender-autores-de-mensagens-racistas-contr-tais-araujo.shtml> Acesso em: 12/04/2016.